

# Retrovisor embaçado: retrospectiva idílica e o discurso pró-ditadura

Anna Julia Camargo Penissi<sup>66</sup>

## Resumo

Os discursos pela volta da ditadura militar reverberam cada vez mais, em uma busca ilógica pelo retorno de algo que a história acusa ter sido um dos piores e mais vergonhosos momentos da história do Brasil. A filosofia, dos gregos aos modernos, apresenta a história enquanto uma progressão, na busca pela perfectibilidade, o que vai à contramão da noção de despotismos e militarismos antidemocráticos. Como justificar, portanto, a busca constante pelo autoritarismo por parte daqueles que o viveram? *Rosy retrospection*, também conhecida como retrospectiva idílica é um desvio cognitivo no qual a humanidade tende a ver seu passado de maneira mais positiva do que realmente foi. Tomando como base Kant, Cassirer e Bakhtin, analisamos o aparato do conhecimento humano e sua forma de expressão discursiva, a fim de ligar os vieses lógicos ao motor que empurra a comunidade ao regresso, em contrariedade à expectativa da história.

**Palavras-chave:** Retrospectiva idílica; autoritarismo; vieses cognitivos; gnosologia.

## Resúmen

Cada vez resuenan más los discursos que piden el regreso de la dictadura militar, en una búsqueda ilógica del retorno de algo que la historia acusa de haber sido uno de los peores y más vergonzosos momentos de la historia de Brasil. La filosofía, desde los griegos hasta los modernos, presenta la historia como una progresión, en la búsqueda de la perfectibilidad, lo que va en contra de la noción de despotismos y militarismos antidemocráticos. ¿Cómo podemos entonces justificar la búsqueda constante del autoritarismo por parte de quienes lo vivieron? La *Rosy retrospection*, también conocida como retrospectiva idílica, es un sesgo cognitivo en el cual la humanidad tiende a ver su pasado bajo una luz más positiva de lo que realmente fue. Tomando como base a Kant, Cassirer y Bakhtin, analizamos el aparato de conocimiento humano y su forma de expresión discursiva, con el fin de vincular los sesgos lógicos al motor que empuja a la comunidad a retornar, contrariamente a las expectativas de la historia.

**Palabras clave:** Retrospectiva idílica; autoritarismo; sesgos cognitivos; gnoseología.

*Eu vou só ajudar esses senhores e já volto.*<sup>67</sup>

## Introdução

É principalmente no período eleitoral que eles saem de casa; começam inofensivamente, como idosos (e jovens com espíritos anciãos) que querem se unir à política por acreditarem em um projeto que retorne aos bons tempos de sucesso econômico e prosperidade individual. Às vezes, se encontram em uma ala conservadora, pensando como os momentos antigos prezavam pela família e pelos valores religiosos que aprenderam enquanto crianças. Outras vezes, se

---

<sup>66</sup> Graduada em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Direito Processual Civil Aplicado pela Escola Brasileira de Direito. Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail para contato: [ajcp.annajulia@gmail.com](mailto:ajcp.annajulia@gmail.com). CL: <http://lattes.cnpq.br/7316284127063330>.

<sup>67</sup> Nas memórias de Marcelo Rubens Paiva, esta é a última fala de Rubens Paiva para a sua filha mais velha antes de ser levado pelo regime ditatorial brasileiro para o DOPS, local em que foi assassinado na primeira noite e dado como desaparecido. A representação está em: Ainda estou aqui. Direção de Walter Salles. Produção de Maria Carlota Fernandes Bruno. Roteiro: Murilo Hauser. [S.I]: Globoplay, 2024. (137 min.), color.

posicionam de maneira centralizada, sem tender para os costumes de esquerda ou de direita, mas visando uma girada nas estruturas de poder, a fim de que o país volte a funcionar. Usam como nome de candidatura as suas profissões, patentes e, principalmente, seus nomes comuns: Josés, Joãos e Marias em busca de um Brasil melhor. Todos eles refratam e refletem o mesmo discurso, sob diferentes aspectos, muitas vezes levados às últimas consequências: a volta daquilo que era bom.

Discursos repetidos e retroalimentados cujo cerne está na negação do presente e, muitas vezes, do futuro, na expectativa de retornar para um momento em que a vida era boa e o salário “rendia”, uma época sem escândalos públicos e sem corrupção, em que os homens e as mulheres se respeitavam, o casamento era uma instituição forte e, principalmente, havia uma certeza maior do destino de cada um dos indivíduos. O problema é que a maior parte deste retrospecto, aqui, se volta para a ditadura empresarial-militar brasileira, um dos períodos mais sangrentos, injustos, vergonhosos e estagnadores da história do país.

Embora muitos se utilizem do discurso da volta à ditadura por interesse – especialmente aqueles que em um cenário de exceção se beneficiariam economicamente –, outros tomam parte da narrativa pela consciência de que haverá um acolhimento por parte dos pares, do eleitorado e de uma parcela significativa da população. A questão é: por que as pessoas desconsideram todas as tragédias que ocorreram sistematicamente no período ditatorial e tendem a se lembrar, essencialmente, dos aspectos aparentemente positivos deste período? O que é que fundamenta a fome pelo retorno histórico e a busca pelo regresso, quando o sujeito está posicionado em uma modernidade (ou pós-modernidade, ou contemporaneidade) que busca o progresso?

É fato que a volta à exceção é um contrassenso. Em toda a filosofia da história, o que se busca é, de alguma forma, uma novidade ou aprimoramento, mesmo naquelas cujo principal motor era o resgate de algum tempo áureo anteriormente considerado. Enquanto os gregos pensavam no aperfeiçoamento do sujeito por meio da *paideia* para que ele servisse à *polis*<sup>68</sup>, os romanos pensavam no aperfeiçoamento das estruturas para garantir a *iustitia*<sup>69</sup>. O medievo visava, grosso modo, propiciar a reforma íntima e institucional para garantir a ponte que levava os homens a Deus<sup>70</sup>. Kant via a história como um caminho que propiciava alçar o homem e a

---

<sup>68</sup> SALGADO, Joaquim Carlos. O espírito do Ocidente ou a razão como medida: Protágoras de Abdera, a educação, o Estado e a justiça. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 109, p. 411-436, 4 fev 2015: “Nesse período é posta uma questão fundamental e que só se responde com o conceito de *paideia*, de formação ou educação: o que deve ser o homem? E o que o homem deve ser não é a natureza que vai traçar, mas o próprio homem. A justiça é, então, o ideal de como deve ser o indivíduo e a sociedade.” (SALGADO, 2015, p. 433).

<sup>69</sup> COELHO, Saulo Oliveira Pinto. *Introdução ao Direito Romano*: constituição, categorização e concreção do Direito em Roma. Uberlândia: LAECC, 2021.

<sup>70</sup> SALGADO, Karine. *Filosofia da Dignidade Humana*: Por que a essência não chegou ao conceito? Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2011.

humanidade ao *sumo bem*<sup>71</sup>. Hegel pensa no alcance do absoluto por meio da espiral ascendente. Logo, o retrocesso da humanidade, do Estado, da interatividade e da politicidade vai à contramão da sabedoria que transcende os períodos do tempo.

Toda força contrária presume um impulso que possa ser maior do que a naturalidade dos acontecimentos da história. Ora, um barco só enfrenta a corrente quando há um motor acoplado em si; um avião somente supera os ventos por conta de suas propulsões internas; o carro só consegue subir uma colina em razão do seu torque. Então qual é o motor que faz com que parte significativa da população comungue de uma saudade inexplicável dos períodos passados, ignorando a sanguinolência que deriva deles? A resposta que este artigo busca apresentar está na própria cognição humana, por meio de seus vieses.

Pensemos em Kant. Seu giro cognitivo, que nos transforma em pós-kantianos eternos, colocou não só a humanidade no centro da filosofia, mas, por sua vez, a capacidade de conhecer que nos difere dos demais entes alocados na natureza. Ao invés de pensar nos objetos em si, o convite que o ilustrado nos faz é refletir sobre quais são os limites do conhecimento e como a racionalidade sempre e em alguma medida suporta a aceção sensível do mundo, já que os arbítrios funcionam como sesgos fenomenológicos apesar do transcendente. A história é feita a partir da racionalidade e do conhecimento humano que a usa como condição em si mesma, e a consequência disso é a de que os vieses do conhecimento possuem o condão de macular o prosseguimento histórico, ao menos para tentar refreá-lo discursivamente. E se a tendência a ver o passado sempre como algo melhor fosse fruto de reveses cognitivos que embaraçam o modo de perceber a realidade dos fatos?

A síndrome do retrovisor embaçado, apelido que damos ao chamado *rosy retrospective* no título deste artigo, é uma tendência cognitiva captada pela psicologia e psiquiatria como um viés cognitivo que distorce a forma com a qual os indivíduos interagem com a sua própria história e os fatos passados. Assim como a geração Z se esquece dos problemas do mundo sem internet e deseja constantemente voltar a ele; como influenciadores religiosos sentem falta do tradicionalismo e obscurantismo antes das renovações da Igreja; como os acadêmicos de pós-graduação ressentem a saída da universidade se esquecendo das dificuldades em que viveram no período de graduação; em um aspecto coletivo, a humanidade olha para seu retrospecto e só consegue identificar benesses, tendo na sua própria mente uma demonstração de um passado que nunca ocorreu – e ao qual deseja, desesperadamente, voltar. É esta a correlação que se

---

<sup>71</sup> SALGADO, Karine. *A paz perpétua de Kant*. Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2008.

pretende demonstrar neste artigo, e que oferecerá as respostas às perguntas consolidadas nesta introdução.

### A cognição, estética e o fazer histórico

Se neste artigo defendemos que o discurso pela volta à ditadura militar se impulsiona – não estou falando de justificativas, mas tão somente de potências – pelo viés cognitivo da retrospectiva idílica (*rosy retrospection*), é essencial passar pelo impacto que a cognição e a sua expressão possuem na construção da realidade concreta e, conseqüentemente, da história. Afinal, não basta correlacionar distorções cognitivas à memória coletiva. É necessário construir uma ponte entre a razão humana – com seu mundo interior – e a exterioridade concreta de suas ações e discursos. Para tanto, colocarei três autores em diálogo: Kant, Cassirer e Bakhtin.

A humanidade só o é assim porque seu impulso de realização se diferencia daquele naturalmente posto. Somos um fim em nós mesmos, e nos reconhecemos do modo que somos em virtude da nossa própria racionalidade<sup>72</sup>. Diferentemente de uma natureza que possui o motor em leis inexplicáveis – ou empiricamente explicáveis, ou miticamente justificáveis –, o homem se move por meio de uma racionalidade *a priori*, que não se pode tocar ou confirmar exceto pelo seu próprio exercício<sup>73</sup>. A gnosiologia kantiana presume que qualquer ato de conhecer passa pela razão e por um elemento transcendental, ainda que o fato conhecido seja palpável. Isso significa que os objetos não são dados, mas sempre atravessam as condições do intelecto para que sejam percebidos enquanto conceitos e juízos repetíveis universalmente<sup>74</sup>. O único suporte intuitivo da cognição é a noção cronotópica, que é uma forma de expressão do sensível e que não pode ser admitida como fenomênica – exceto quando se torna conhecimento de ordem científica.

Isso quer dizer que a concepção da realidade precisa passar, necessariamente, pela mente humana, em algum momento, ainda que com seus suportes analíticos, para que se torne conceito<sup>75</sup>. A própria transcendentalidade nos traz essa ideia, quando Kant admite que a intelectualidade seja como um deus Jano de duas faces, uma sensível e materializada e a outra racional e suportada pelos apriorismos. A história, portanto, precisa passar em alguma medida

---

<sup>72</sup> KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 69.

<sup>73</sup> CAIMI, Mario. Pensamentos sem conteúdo são vazios. *Revista Analytica*, v. 6, n. 1. 2001, p. 177-194.

<sup>74</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Edição: Tradução de Valério Rohden e Udo Moosburger, São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores), p. 135-200.

<sup>75</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Edição: Tradução de Valério Rohden e Udo Moosburger, São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores), p. 32-38.

pelo intelecto – e se este se vicia, a continuidade histórica também pode ser desafiada; e o estético é fundamental para a experiência das realizações do espírito na sensibilidade<sup>76</sup>. Cassirer<sup>77</sup>, como exímio neokantiano, oferece nova faceta para a externalização do processo intelectual: os símbolos, o estético e, conseqüentemente, o discursivo.

O homem não se expressa e não toma parte do destino da história pura e simplesmente pelo exercício intelectual, mas também pela sua própria faculdade de transmitir aquilo que reside em seu interior por meio dos símbolos e signos. É por isso que Cassirer traz a figura do animal simbólico, ao invés de puramente racional, já que a gnosiologia precisa da expressão para se completar enquanto produtora e receptora de conhecimento. É o símbolo que transforma todos os impulsos racionalizados do homem, pela transcendência de seu intelecto em dialética com a natureza e a sensibilidade, na capacidade de levar a humanidade a um progresso histórico. Assim, a arte, a religião e a cultura são a ponte que leva o intelecto à exterioridade e o coloca ao escrutínio de pares para que o processo de sociabilidade leve a humanidade ao seu *telos* – independentemente da concepção filosófica que ele adote. Na produção e transmissão de termos culturais, o homem consegue o controle da natureza pela expressão de sua racionalidade e, conseqüentemente, a maioridade cognitiva tanto almejada no kantismo<sup>78</sup>.

É no símbolo que o objeto entra em uma quase fusão com o sujeito que o compreende, realizando uma dialética entre o particular e o universalizado, e constantemente comungando da história: “A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem. Em vez de lidar com as próprias coisas o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo” (CASSIRER, 2012, p. 48-49); ou, a concretude dos acontecimentos empiricamente considerados varia de acordo com a interação simbólica do homem em relação ao resultado de seus processos de acepção. Isso quer dizer que a cognição humana e a sua externalização tem alguma, quiçá absoluta, relação com o decorrer da historicidade e com a forma com a qual os sujeitos fazem a sua noção de progressão. Embora Cassirer determine em sua filosofia dos símbolos todo o contexto que transpõe a gnosiologia kantiana à formação estética e a propagação do uso da razão por meio dos signos, é Bakhtin<sup>79</sup>

<sup>76</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Edição: Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores), p. 40-60.

<sup>77</sup> CASSIRER, Ernst. *Filosofia das Formas Simbólicas*. Edição: Tradução de Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>78</sup> KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? *Textos seletos*. Edição Bilingue. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2ª Edição. Petrópolis, 1985, p. 100 a 110.

<sup>79</sup> A obra de Bakhtin tem uma lógica própria e seus conceitos estão espalhados em livros que nunca assinou, mas que comumente lhe atribuímos autoria. Sobre as questões estéticas, BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frasteschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec (Editora Universidade de Brasília), 1987; Sobre as questões históricas, BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

que consegue transpor a sua teoria a outro grau: o de compreensão do fenômeno discursivo enquanto ponto central de formação da história.

Embora geograficamente localizado em uma posição estranha à Cassirer e Kant, já que está baseado, na maior parte do tempo, entre a Rússia e o exílio, Bakhtin bebe de suas fontes sistematicamente para construir a sua proposta de filosofia moral e, acidentalmente, de filosofia da linguagem<sup>80</sup>. Para ele, o mundo é dividido em dois: de um lado, o interior e, de outro, a exterioridade ou alteridade do *ser*. O mundo interior é aquele em que apenas o Eu pode habitar e desfrutar, onde se localizam os pensamentos e são feitos os processos de introjeção dos aspectos cronotópicos que circundam o indivíduo, ainda que com influência das vivências sócio-históricas de cada sujeito. No mundo exterior, aquele em que se faz a história, há o produto da transmissão dos pensamentos, jamais da mesma forma como foram primeiramente estabelecidos no mundo interno, já que maculados pelos fatos da vida e pelo contexto da interatividade com os Outros (ou a expectativa de Outro). Assim, como os já mencionados aqui, a interioridade racional do homem é *coisa em si*, que até podemos intuir, contudo jamais expressaremos de maneira adequada, já que a realidade sensível inevitavelmente irá transformá-la em fenômeno.

A linguagem, em expressão verbal e não-verbal, possui como condição obrigatória a interatividade<sup>81</sup>. É o que Bakhtin batiza de dialogismo, modelo comunicacional que não considera apenas a enunciação e a recepção de mensagens, mas sim no ato de responsividade ativa de todos os sujeitos envolvidos ao redor do enunciado. Enquanto uma mensagem é proferida, trazendo consigo rudimentos daquilo que habita no mundo interior, há um processo de assimilação, adequação e até transcrição dela que a transforma em outra coisa, algo além do *noumenon*, na realidade concreta. É a materialização da gnosiologia alemã no fenômeno da comunicação que, de certo modo, é o único modelo de realização do ato intelectual que a humanidade possui. Deste modo, a cultura e os símbolos de Cassirer são colocados também em uma única palavra: discurso.

Essa abordagem nos permite, igualmente, eliminar, de maneira dialética, a contradição entre o psicologismo e o antipsicologismo. O antipsicologismo tem razão em recusar a dedução do ideológico a partir do psiquismo. Ao contrário, é o psíquico que deve ser deduzido da ideologia. A psicologia deve apoiar-se na ciência das ideologias. Originariamente, a palavra deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos, para ser, em seguida, integrada ao organismo

<sup>80</sup> Suas premissas partem da filosofia alemã, embora tente travestir de outra terminologia devido ao contexto sócio-histórico da Rússia da primeira metade do século XX e do regime stalinista. Ver: BANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002.

<sup>81</sup> BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, p. 65.

individual e tornar-se fala interior. Contudo, o psicologismo também tem razão: não há signo exterior sem signo interior. O signo exterior, incapaz de penetrar no contexto dos signos interiores, isto é, incapaz de ser compreendido e experimentado, cessa de ser um signo, transforma-se em uma coisa física. O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico. A atividade psíquica é uma passagem do interior para o exterior; para o signo ideológico, o processo é inverso. O psíquico goza de extraterritorialidade em relação ao organismo. É o social infiltrado no organismo do indivíduo. E tudo que é ideológico é extraterritorial no domínio sócio-econômico, pois o signo ideológico, situado fora do organismo, deve penetrar no mundo interior para realizar sua natureza semiótica. (BAKHTIN, 2004, p. 64)

Não é apenas isso que Bakhtin instrumentalizou. Além de estruturar, na linguagem, a concretização dos atos morais no discurso, traduzindo a dinâmica entre o mundo intelectual e o mundo da vida, ele também mede os impactos que o fenômeno discursivo possui na história da humanidade. Na sua análise do ato ético e estético, em um de seus poucos textos assinados, ele identifica a pressão histórica renascentista pelo grotesco, na transição entre o medievo e a modernidade, nos textos de François Rabelais<sup>82</sup>. Identifica na poética – e consequentemente na transcrição discursiva de um momento temporal específico – o ato de reflexão de ideias por interesses do mundo interior acerca do mundo da vida. E mais: percebe que o comportamento coletivizante do discurso promove um emaranhado de significantes cada vez mais distantes daquilo que, originalmente, se intenta pela inteligência interior, mas que começa a criar, na sensibilidade, uma série de sentidos cada vez mais diversos e que vão compondo o fazer histórico<sup>83</sup>.

Novamente, tudo passa pelo interior e pelo intelectual. A racionalidade e a cognição, seja para Kant, Cassirer ou Bakhtin, são os pontos de início das ideias, e os elementos de construção do progresso histórico por meio dos fenômenos – que deixam de ser *coisa em si* no momento em que são cuspidas ao mundo exterior pelo ato de fala, ao se baterem com a historicidade e, em termos ainda mais ortodoxos, no diálogo entre o objetivo e o subjetivo e em sua interatividade. Voltemos ao nosso tema original, portanto: o clamor ao retorno de destinos autoritários. A externalização dos Joãos, Josés e Marias expostos na introdução do texto se dá, justamente, por meio dos discursos que são proferidos e repetidos, os quais se reportam

<sup>82</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frasteschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec (Editora Universidade de Brasília), 1987, p. 385.

<sup>83</sup> “Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.” BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, p. 46.

necessariamente à historicidade – ou ao que pensam que é a historicidade. A apresentação dos desejos perante o mundo é o trânsito entre o que é interior e racional ao que é externo ou sensível, e recebe as influências culturais e simbólicas que lhe constituem.

Trata-se de um quase fluxograma do conhecimento. Os arbítrios, movidos pela racionalidade e pelos apriorismos que ela carrega, dialogam com a sensibilidade e com a sua inteligência para produzir determinado conceito objetivo, que ao momento de sua exposição se torna fenomênico. Sem embargo, em formato discursivo e simbólico, as ideias que se tem do mundo concreto são partes constitutivas da criação de ideologias que ditam o modo com o qual a história deve progredir, quando são alçadas à soberania. A ode à ditadura é um destes símbolos, propriamente estéticos porque feitos exteriores por meio do discurso, tomando como ponto de início o processo cognitivo interno e a sua transmissibilidade. No momento em que circula, começa a ter a adesão de outros sujeitos e a se tornar um tema comum e reverberado, ganhando força e ingressando nas esferas mais superiores da estabilidade histórica. Se todo o processo de concretização e repetibilidade se baseiam no conhecer, assim o fazem os desvios, tendo inclusive o condão de impulsionar o homem ao contrassenso do progresso desejado historicamente por ele.

### **A retrospectiva idílica e a negação histórica**

A cognição humana é um labirinto mental, com várias entradas e saídas simultâneas, apesar de todos os esforços modernos para que ela seja transformada em uma reta razão quantificável. Fato é que mesmo sendo o canal principal para a concretização de verdades no mundo, é indissociável do pensamento a possibilidade de falseamento e distorção. Como já demonstrado, a história se faz a partir de correlações cognitivas, essencialmente a partir do conhecimento que faz a ponte entre o homem e o objeto que se pode tocar e visualizar. É em razão disso que a retrospectiva idílica consegue explicar a eficiência da contramão histórica que acarreta os pedidos pelo retorno aos regimes ditatoriais e a um passado que, concretamente, não existe. Embora seja possível ter uma noção do que é a *rosy retrospection*, cabe uma melhor apresentação deste fenômeno em Adler e Pansky<sup>84</sup>.

A evolução humana traz diversos mecanismos de sobrevivência para que a espécie possa continuar no tempo. Dentre eles, estão alarmes corporais como a dor, a ansiedade, o desejo

---

<sup>84</sup> ADLER, Orly; PANSKY, Ainat. A “rosy view” of the past: positive memory biases. *Cognitive Biases in Health and Psychiatric Disorders: Neurophysiological Foundations*, p. 139-171. Washington: Elsevier Academic Press, 2020.

sexual, a dopamina, a fome e a sensação de saciedade, todos regidos organicamente para propiciar a resolução das necessidades particulares do homem<sup>85</sup>. Há, também, mecanismos psicológicos, mentais, que propiciam que o humano suporte a sua própria existência – ou o sofrimento de se estar vivo – como, por exemplo, as distorções e os vieses cognitivos. Há orientações automáticas da mente humana, baseada em determinadas vivências, que podem ocultar memórias enquanto salientam outras, com o objetivo de proteger o sentimento humano no decorrer da sua existência: é aí que a retrospectiva idílica acontece. Na intenção de manter o bem-estar e, conseqüentemente, a continuidade do homem em seu progresso, a mente humana tende a enxergar o passado de uma maneira muito mais prazerosa do que ele realmente foi.

A compreensão da retrospectiva idílica se baseou em diversos experimentos empíricos sistematizados por Adler e Pansky. Um deles colocou um grupo de indivíduos em estímulos negativos, outro em estímulos positivos e, por fim, em estímulos neutros, com a finalidade de verificar o que cada grupo poderia se lembrar após a experiência. Outro solicitou que indivíduos prestes a vivenciar alguma grande mudança (como a primeira semana de aula) produzissem registros diários de suas vidas e, posteriormente, repetissem estes registros para fins comparativos. A percepção foi a de que as tendências positivas eram sempre melhor lembradas do que as negativas, e que as memórias eram, essencialmente, falseadas pela própria cognição no momento de externalização:

To conclude and as Bernstein and Loftus (2009) have stated, given that they are based on inherently reconstructive processes, all of our memories are, in essence, false to some degree. Indeed, positive biases in recollections are extremely prevalent. Given that the main mechanisms that underlie these biases are self-protection, self-enhancement, and self-consistency, the common human tendency to view life through rosy glasses mainly reflects an adaptive feature – an indicator of psychological health and well-being. (ADLER; PANSKY, 2020, p. 158)<sup>86</sup>

Tudo isso é justificável pela psicanálise, da mesma forma. Os subterfúgios utilizados por Freud para tentar acessar a mente humana se baseiam no fato de que a mera conversa e a comunicação, quando passada pelo aparato da expressão e do simbólico, se macula pelo próprio

<sup>85</sup> A dor, inclusive, possui um papel mais filosófico do que antropológico, cf. BORGES-DUARTE, Irene. À força de padecer: considerações sobre a dor como experiência ontológica. *Natureza Humana*. V. 21, n. 2. São Paulo. Jul/dez, 2019.

Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302019000200009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000200009). Acesso em: 21 mai 2025.

<sup>86</sup> A tradução em língua portuguesa é: “Para concluir, e como afirmaram Bernstein e Loftus (2009), considerando que se baseiam em processos inerentemente reconstrutivos, todas as nossas memórias são, em essência, falsas em algum grau. De fato, vieses positivos nas recordações são extremamente prevalentes. Tendo em vista que os principais mecanismos subjacentes a esses vieses são a autoproteção, o autoengrandecimento e a autoconsistência, a tendência humana comum de enxergar a vida através de lentes cor-de-rosa reflete principalmente uma característica adaptativa – um indicador de saúde psicológica e bem-estar.”

esquecimento ou pela seletividade involuntária daquilo a ser compartilhado. O inconsciente é o local em que estão todas as vivências, inclusive os traumas humanos, que são esquecidos para que a vida possa seguir seu próprio rumo. A hipnose, por exemplo, visa um trajeto direto ao cerne do intelecto, sem que ele tenha que passar pelo filtro da sensibilidade, com o objetivo de buscar a realidade que a memória visa esconder. O objetivo é o mesmo: se o trauma não é lembrado, ele não precisa ser revivido e o humano se resguarda da dor.

El pensar tiene que cumplir otra condición, además. No tiene permitido alterar esencialmente las facilitaciones creadas por los procesos primarios, pues así falsearía las huellas de la realidad objetiva. Esta condición queda cumplida si apuntamos que la facilitación probablemente sea el resultado de una cantidad grande sobrevenida de una sola vez, y cuje la investidura, muy potente en el momento, *no deja empero como secuela ningún efecto duradero comparable*. Las pequeñas Q [energía psíquica] que pasan a raíz del pensar no pueden, en general, prevalecer contra las facilitaciones. (FREUD, 2007, p. 380)<sup>87</sup>

Isso significa que, independentemente das crenças, o que já passou será sempre mais feliz do que o presente, a infância será sempre mais doce que a vida adulta e a velhice será pior do que a juventude. O motivo disso não está no objeto em si, mas sim na forma pela qual a humanidade interage com ele a partir de suas limitações cognitivas, forjadas pela organicidade como uma adaptação em prol da sobrevivência. Para sobreviver a si mesma, a humanidade deturpa o que aconteceu no passado, para que prossiga vivendo no presente e, quiçá, pense em um futuro que a agrade. Grosso modo, independentemente se o período ditatorial foi um absurdo, uma injustiça, uma violência, uma tragédia, a tendência natural do homem é vê-la de um modo consideravelmente mais positivo do que realmente foi.

Este efeito não é ineditamente correlacionado a um pensamento coletivo. Coleman<sup>88</sup> publicou, em 2018, pesquisa em que relaciona a *rosy retrospection* ao movimento *Make America Great Again* que serviu como mote de campanha do, então, presidente Donald Trump. Em sua tese, expõe produção em tela – e instalações físicas – que apresenta a estética do seu imaginário americano com a concretude dos fatos historicamente positivados, em contradição, a fim de refletir sobre a realidade – ou não – de seus pensamentos. A América já foi ótima? Imagens de brinquedos infantis, referências da cultura *pop* e de lugares de consumo como

<sup>87</sup> A tradução em língua portuguesa é: “O pensar precisa cumprir ainda outra condição, além disso. Não lhe é permitido alterar de modo essencial as facilitações criadas pelos processos primários, pois isso falsearia os vestígios da realidade objetiva. Essa condição é satisfeita se considerarmos que a facilitação provavelmente seja o resultado de uma grande quantidade que sobreveio de uma só vez e cuja investidura, muito potente naquele momento, não deixa, contudo, como sequela, nenhum efeito duradouro comparável. As pequenas Q [energia psíquica] que circulam em decorrência do pensar não podem, em geral, prevalecer sobre as facilitações.”

<sup>88</sup> COLEMAN, Allison. *Rosy Retrospection*. The University Of North Carolina At Chapel Hill University Libraries, p. 1-109, 2018. (<http://dx.doi.org/10.17615/XWK8-NR29>).

restaurantes e *shopping centers* são posicionados ao lado de notícias, imagens e pinturas perturbadoras de bombas atômicas, acidentes nucleares, guerras e crises econômicas. Em dado momento, o caos se une ao belo, resultando no ingrato casamento entre o passado real e o imaginado. Ao posicionar a disfuncionalidade com o quase bucólico passado que se expectava em sua vida, chega-se à conclusão de que comparar o presente a um passado estético que nunca existiu é uma ferramenta perigosa, politicamente utilizada e que pode servir para resgatar aquilo que já havia sido superado há tempos.

The term Rosy Retrospection is a psychological descriptor, related to nostalgia but is rooted in cognitive bias. It refers specifically to the act of remembering the past in a more positive light than reality, while simultaneously comparing those biased ideals to the present. Through this problematic language of nostalgia, both alluring and dangerous, I highlight the often-erroneous assumption, that the past is better. I use oil paint as a vehicle to channel my memories, subconscious retrospection, and apprehension onto the canvas. Dreamlike worlds and faded memories are woven together to become chromatic representations of the human condition. Cherished memories and deep-seated fears exist side by side in disjointed harmony. (COLEMAN, 2018, p. 3)<sup>89</sup>

Como visto, a tendência cognitiva é se enviesar em resposta ao trauma do passado histórico, não apenas para simplesmente negá-lo, mas para esquecê-lo, com um maior enfoque nas positivities que se fazem, apesar do caos concreto em momentos difíceis. Isso pode justificar a gênese – e a permanência – de ideias que atribuem ao período das ditaduras e dos estados excepcionais uma melhora econômica, costumes mais respeitáveis, maior seguridade – e conseqüentemente ao desejo de retorno àquilo que já foi superado. A primeira pergunta formulada neste artigo – portanto, qual é o motor do regresso histórico desejado – possui a sua resposta na heurística, nos vieses cognitivos e comportamentais que maculam a reta razão no momento de sua externalização, no esquecimento da dor e na tendência a desejar aquilo que é (erroneamente visto) como positivo e saudoso.

### **Por que não fruto dos interesses?**

---

<sup>89</sup> A tradução em língua portuguesa é: “O termo *Rosy Retrospection* é um conceito psicológico, relacionado à nostalgia, mas enraizado em um viés cognitivo. Ele se refere especificamente ao ato de recordar o passado sob uma luz mais positiva do que a realidade, ao mesmo tempo em que se comparam esses ideais enviesados com o presente. Por meio dessa linguagem problemática da nostalgia, ao mesmo tempo sedutora e perigosa, destaco a suposição frequentemente equivocada de que o passado é melhor. Utilizo a pintura a óleo como meio para canalizar minhas memórias, a retrospeção subconsciente e a apreensão para a tela. Mundos oníricos e memórias esmaecidas se entrelaçam para se tornarem representações cromáticas da condição humana. Memórias queridas e medos profundamente enraizados coexistem lado a lado em uma harmonia fragmentada.”

Sejamos maduros. É claro que as ideias e as forças ideológicas não dependem apenas do processo de cognição humana. Há interesses nos regimes ditatoriais e em seu retorno, sobretudo do ponto de vista institucional, que justificam o esforço político de seus partidários para que seja inculcada a ideia da ditadura e do autoritarismo como solução única para um cenário insatisfatório àquele que recebe estas premissas. Ao déspota, defender a concentração de poder é natural, uma vez que ele será beneficiado por ela. Ao capitalista, buscar regimes econômicos que reduzam direitos sociais e deem maior liberdade e abertura às empresas para que atuem fora do escrutínio supostamente democrático faz sentido, e em sua ótica é até mesmo justo. Apesar disso, a cognição da coletividade é essencial para aderir ou rechaçar as propostas, motivo pelo qual a mera insistência é insuficiente para materializar um projeto histórico.

Para que qualquer projeto seja levado a sério coletivamente, é preciso um suporte que promova seus ideais para a efetividade. Assim, não importa o quão interessado algum indivíduo ou grupo esteja em tomar o poder, é preciso um mínimo suporte cognitivo no momento da sua atribuição para que a sua força seja legitimada pela maioria – afinal, o monopólio da força é entregue para depois ser instrumentalizado, mas ele presume o aceite de, pelo menos, uma vontade geral transitória, expressa pela elaboração do conhecimento humano em estética (externalização). Em outros termos, uma decisão só se reveste de autoridade se a maioria das partes subjugadas se abre para ela em algum momento.

Se esta autoridade é transformada em ferramenta de dominação e injustiças, este momento é decorrente da primeira expressão de vontade que a constituiu, ainda que deturpada. Todos os contratualistas partem desta premissa, ainda que por motivações diferentes.<sup>90</sup> A mudança do estado de natureza para o estado civil é feito a partir da reunião e do aceite de todos para a participação e comunhão de uma *ordem* que pode ser representada pelo soberano, pelo direito e até mesmo pelo estado liberal, pela investidura de uma legitimação concedida em busca da certeza (Kant<sup>91</sup>) ou da segurança (Hobbes<sup>92</sup>). O *sim* ao Estado é dado com suporte na

---

<sup>90</sup> SALGADO, Karine. *A paz perpétua de Kant*. Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2008, p. 97.

<sup>91</sup> “A sociedade civil ou a situação de direito é um fato constatado por Kant e que precisa ser justificado com a resposta à pergunta formulada acima: só é possível sob a ideia de um pacto livre de todos os seus membros. No estado de natureza, não pode existir outro direito senão o direito privado. Não há ausência de justiça (pois que aí haveria justiça privada e que consistiria no uso ilimitado da liberdade externa), mas propriamente a ausência do direito como definido acima, isto é, o direito público positivo, com a justiça aparelhada do Estado. [...] Entretanto, trata-se de um direito provisório, pois que nesse estado ninguém comete qualquer injustiça um com o outro, mas tão só se defende cada um pela força, à guisa de um direito de guerra.” (SALGADO, 2012, p. 205-206).

<sup>92</sup> “A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar. Porque quanto à força corporal o mais fraco tem força suficiente para matar o mais forte, quer por secreta maquinação, quer aliando-se com outros que se encontrem ameaçados pelo mesmo perigo.” (HOBBS, 2003, p. 106).

cognição. A partir daí, nasce a coerção e as decisões se legitimam por meio dela. Deste modo, não basta que, em uma ordem política já existente como a brasileira, sujeitos decidam pela volta do autoritarismo por si: é preciso uma base de apoio que, por meio de sua própria consciência, reproduza as ideias enunciadas por eles para suportar os interesses expostos.

É por isso que a heurística, o *olhar pelo retrovisor embaçado*, a visão de um passado que era bom (embora não o tenha sido) fundamenta e se torna um motor para os grupos de sujeitos que enunciam, diariamente, saudades do período mais sangrento da história do Brasil. Por meio da tomada de decisão maculada pela sensibilidade, pela consciência, pelos processos psíquicos de salvaguardar a própria integridade mental, os discursos em prol do autoritarismo se retroalimentam e tomam força à medida que são reproduzidos. Muito mais que uma mera má fé: parte dos Josés, Joãos e Marias que tomam parte de um discurso posto estão tentando tomar parte da história a partir de um intelecto viciado pelo viés da positividade, do que *acham bom*, porque o seu mundo interior se expressa na sua memória desta maneira.

## Conclusão

A pergunta que fizemos na introdução deste artigo foi: qual o fundamento do pensamento de retroação ou, ainda, de saudade dos períodos ditatoriais e autoritários? Passamos por alguns caminhos, a fim de tentar apontar como resposta o fenômeno heurístico da *rosy retrospection*.

O primeiro deles foi compreender como a gnosiologia pode realizar um traçado entre o mundo mental e a concretude histórica, a fim de ilustrar a relevância do pensamento para a elaboração de noções sobre o progresso da humanidade. Partimos do giro de Kant ao colocar os sujeitos como o centro da produção do conhecimento, na transposição de seu intelecto interior – quase que intuitivo – para o mundo externo, de modo que todo conhecimento sensível eventualmente necessite do transcendente. Tratamos também da impossibilidade de conhecer o *noumenon*, já que a sua externalização lhe faz fenômeno e, principalmente, colocamos a razão e a gnose humanas como a centralidade da vida em concreto. Inserimos a perspectiva de Cassirer quanto à importância dos símbolos como uma ponte entre o que acontece nas ideias e aquilo que se torna real pela transposição ao mundo da vida, refletindo sobre cultura e arte. Por fim, desembarcamos em Bakhtin, em sua teoria do discurso como um meio hábil de construção da realidade, ainda que não totalmente alinhada com a transposição do mundo interior ao mundo concreto exterior.

Em seguida, pensamos um pouco na retrospectiva idílica enquanto viés cognitivo cuja causa é, principalmente, a sobrevivência humana apesar de seus traumas, que modifica a

memória para que todos os eventos sejam feitos da maneira mais otimista o possível, ainda que sejam permeados de sanguinolências e sofrimento. Tomamos como base a revisão de Adler e Pansky que descreve na literatura os experimentos que demonstram a falsidade da memória, bem como a expectativa freudiana e o seu método. Também retomamos pesquisa realizada por Coleman, na qual elabora um resgate aos rudimentos de sua infância e a realidade demonstrada por meio de veículos jornalísticos, questionando o mote *Make America Great Again*, tomado por Donald Trump e seus eleitores. Este é o vício que, dentro de todo o processo cognitivo, vulnera a forma com a qual os sujeitos conseguem elaborar a sua racionalidade, antes mesmo de enviá-la para o mundo, e que justifica o motivo pelo qual este tipo de discurso possui adesão.

Ao final, deixamos uma advertência: não somos ingênuos. Embora saibamos que exista um projeto de volta ao autoritarismo, em obediência a uma agenda, também compreendemos que estes projetos só tomam forma se há certa legitimação pelos dominados, ao menos em um primeiro momento. Verificamos o viés cognitivo como uma chave que permite com que esta legitimação aconteça, a partir da visão embaçada do retrovisor, a qual mostra o que ocorreu no passado, e permite o avanço de discursos como o da ode ao autoritarismo. Justificamos esta necessidade de afirmação de autoridade a partir das noções de contrato social, especialmente de Kant e Hobbes.

Em considerações finais, este artigo apresenta a resposta à pergunta inicialmente formulada: de onde vem o impulso que tenta levar a humanidade ao regresso, na contramão de sua tendência natural? Este impulso vem da própria cognição humana, enviesada e falseada pelos seus mecanismos psicológicos de autodefesa, os quais criam uma percepção maculada de que os fenômenos pretéritos são melhores do que o presente, acarretando a sua negação e a trava na chancela ao futuro. A memória histórica tem seus sesgos, suas tendências, que fazem com que os indivíduos se equivoquem no seu processo de conhecimento sobre os fatos pretéritos. O interesse se aproveita destas falhas para que elas se tornem discursos e, quiçá, se transformem em realidade, e é a autoconsciência das próprias tendências que pode mudar o curso dessa história.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Orly; PANSKY, Ainat. A “rosy view” of the past: positive memory biases. In: *Cognitive Biases in Health and Psychiatric Disorders: Neurophysiological Foundations*. Washington: Elsevier Academic Press, 2020, p. 139-171.

AINDA estou aqui. Direção de Walter Salles. Produção de Maria Carlota Fernandes Bruno. Roteiro: Murilo Hauser. [S.I]: Globoplay, 2024. (137 min.), color.

78

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frasteschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec (Editora Universidade de Brasília), 1987.

BANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002.

BORGES-DUARTE, Irene. À força de padecer: considerações sobre a dor como experiência ontológica. *Natureza Humana*. V. 21, n. 2. São Paulo. Jul/dez, 2019. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302019000200009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000200009). Acesso em: 21 mai 2025.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Filosofia das Formas Simbólicas*. Tradução de Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COELHO, Saulo Oliveira Pinto. *Introdução ao Direito Romano: constituição, categorização e concreção do Direito em Roma*. Uberlândia: LAECC, 2021.

COLEMAN, Allison. *Rosy Retrospection*. The University Of North Carolina At Chapel Hill University Libraries, p. 1-109, 2018. <http://dx.doi.org/10.17615/XWK8-NR29>.

FREUD, Sigmund. *Proyecto de psicologia (Entwurf einer Psychologie)*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. I, (1895), 2007.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Berliner; revisão da tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Crítica da Razão Pura*. Edição: Tradução de Valério Rohden e Udo Moosburger, São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? In: *Textos seletos*. Edição Bilingue. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

SALGADO, Joaquim Carlos. *A ideia de justiça em Kant: seu fundamento na liberdade e na igualdade*. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. O espírito do Ocidente ou a razão como medida: Protágoras de Abdera, a educação, o Estado e a justiça. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 109, 411-436, 4 fev. 2015.

SALGADO, Karine. *A paz perpétua de Kant*. Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da Dignidade Humana: Por que a essência não chegou ao conceito?* Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2011.